

244

AMAZÔNIA

Antes de ser do mundo, ela é nossa

José Elias MURAD (*)

A "mídia" brasileira divulgou a notícia em manchetes: "Cientistas e pesquisadores estrangeiros denunciam que estamos destruindo e acabando com a floresta amazônica". Ou então: A ganância dos brasileiros está destruindo, através do fogo e do desmatamento, os pulmões do mundo, a Amazônia". E outras coisas do mesmo jaez.

Como consequência disso, sociedades e associações internacionais de proteção do meio ambiente se mobilizaram. Políticos ávidos de publicidade vieram verificar "in loco" a grave ameaça que estávamos representando para o mundo inteiro. Agências filantrópicas de financiamento de projetos na área social ameaçaram de suspender a sua ajuda ao Brasil, caso persistisse o horrendo crime da destruição total da Floresta Amazônica.

O fato é que o Brasil — principalmente as autoridades brasileiras ficou na "berlinda" como sendo o grande responsável pelo desequilíbrio do ecossistema universal. Passou a ser o bandido da história e os denunciantes os heróis.

No entanto, o que a maioria dessas entidades, cientistas e pesquisadores e políticos esquecem é que seus antepassados fizeram a mesma coisa em suas regiões no passado isto é, retirar o máximo de suas matas e florestas até as exaurirem, levando-as praticamente ao extermínio. Agora, sentem-se ameaçados porque alguns brasileiros desejam fazer o mesmo no Brasil.

Do ponto de vista biológico, a selva tropical constitui o ecossistema mais rico da terra, pois apesar de ocupar menos de 10 por cento do globo, contém cerca de 50 por cento das 8 ou 10 milhões de espécies vegetais e animais existentes neste planeta. Contudo, este conjunto é ainda muito pouco conhecido e estudado. No Brasil, por exemplo, menos de 0,5 por cento de sua flora se encontra bem estudada. Os restantes 99,5 por cento estão quase que totalmente desconhecidos.

No campo da medicina, calculam os especialistas que, de quatro remédios que os médicos receitam nos dias atuais, um, pelo menos, é de origem natural. Alguns exemplos sugestivos podem ser citados. Até o início da década de 60, apenas 20 por cento das crianças atacadas de leucemia aguda, tinham boas probabilidades de alguns anos de sobrevida ou remissão do mal. Hoje, esta probabilidade ultrapassa 80 por cento, graças a um medicamento obtido de uma planta originária das selvas tropicais de Madagascar, o *Chatarantus roseous*.

A reserpina, uma substância obtida da raiz de uma planta comum na Índia, a *Ranwolfia serpentina*, é vastamente empregada, nos dias atuais, no tratamento da hipertensão arterial. Do jaborandi do Maranhão, retira-se um alcalóide, a pilocarpina, que atua em várias afecções oculares graves, inclusive no glaucoma. A emetina, uma substância empregada para provocar vômitos, principalmente no caso de intoxicações por via oral, é obtida a partir de uma planta comum no Mato Grosso, raiz de Ipeca. E vá-

rios outros exemplos ainda poderiam ser citados, como o da atropina, da escopolamina, da efedrina etc. etc.

Nos últimos anos, a OMS (Organização Mundial de Saúde), vem se empenhando na procura de substâncias que permitam fabricar uma pílula anticoncepcional, melhor e mais segura do que as atuais, através de compostos antifertilizantes de certas plantas encontradas na selva tropical.

Por outro lado, os índios da região Amazônica, há muitos anos, já conhecem o curare, relaxante muscular muito empregado em anestesia, e que retiram de várias plantas da região. São também do seu conhecimento plantas portadoras de princípios alucinógenos do tipo da dimetiltriptamina, de alto interesse nos estudos de bioquímica cerebral, e que os silvícolas empregam principalmente em suas cerimônias religiosas ou durante as guerras tribais. O exemplo mais sugestivo é o do chamado "Chá de Santo Daimé". Isto sem falar da existência na Amazônia de espécies ricas em óleos hidrocarbonados e que oferecem a possibilidade de "cultivar gasolina" em "plantações de petróleo", conforme já escrevemos em outros artigos.

Os dendroclastas

O grande perigo, no entanto, é que a selva tropical — inclusive no Brasil — está se esgotando rapidamente. Os principais agentes destruidores, segundo um trabalho recente do doutor Norman Meyers, apresentado na Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, são o madeireiro — que destrói florestas inteiras a fim de obter madeiras — agricultor florestal — que destrói matas para suas plantações — e o vaqueiro — que abre enormes claros nas florestas para seus campos de pastoreio.

Segundo o mesmo autor, cálculos aproximados sugerem que os três agentes acima são responsáveis pelo desaparecimento de cerca de 250.000 K2 da selva virgem por ano, ou seja, a cifra impressionante de cerca de 700 K2 por dia! A manter-se tal ritmo, haverá uma desaparecimento quase completa de todas as florestas do globo dentro dos próximos 30 anos.

Consequências

A destruição lenta e progressiva de tal ecossistema terá consequências graves sobre o globo dentro de um prazo relativamente curto. Um deles é pela alteração da flora natural, chegar-se também a uma mudança abrupta da fauna de tais regiões, com o provável desaparecimento ou extinção de inúmeras espécies animais.

Além dessa perda de inúmeras espécies animais e vegetais, perder-se-á também valioso material genético, diversas espécies de madeira, isto tudo sem falar em uma das consequências mais graves, que é a alteração do clima, não apenas nas regiões tropicais, como, possivelmente, em todo o globo terrestre, como consequência da acumulação crescente de anidrido carbônico (CO2) na atmosfera, devido entre outras coisas, à queima extensiva



da vegetação e à falta na produção de oxigênio pelas trocas gasosas dos próprios vegetais. Continuando a aumentar a concentração de bióxido de carbono, elevar-se-á a temperatura da terra, alterando-se as condições climáticas, com o consequente prejuízo de vastas regiões de cultura, por exemplo. Aliás, em algumas regiões onde vastos territórios florestais vêm sendo destruídos, isto já está ocorrendo.

No que diz respeito ao índio da selva brasileira, a nossa população indígena corre o risco de desaparecer, se não se encontrar uma maneira de resolver os conflitos com os colonizadores. Calcula-se que, no Brasil, existam, atualmente mais de 180.000 índios caçadores e coletores que dependem da selva para a sua sobrevivência. Por isto, verificam-se conflitos constantes entre os "grileiros" e os índios que defendem as suas terras, com mortes de ambos os lados.

Como proteger o que resta

A fonte de riqueza que a selva tropical representa não tem razão

para esgotar-se pois é potencialmente renovável. Por outro lado, muito se pode fazer para impedir o esgotamento progressivo da selva tropical. Eis algumas medidas viáveis.

a— Conscientização do público em geral (uma das razões de ser deste artigo) e dos diversos líderes políticos, em relação a este grave problema. É preciso denunciar aqueles que desejam transformar as árvores de nossas florestas em dólares e alertar os outros que pensam na selva como um lugar inóspito, sem valor, uma barreira, enfim, que se opõe à civilização e ao progresso.

O Banco Mundial aumentou recentemente os fundos destinados à silvicultura tropical e, vários países, como a Venezuela, Costa Rica, Filipinas e Tailândia, já têm consciência das repercussões adversas do deflorestamento e estão empenhados em mudar a situação, controlando mais rigorosamente as atividades dos madeireiros, agricultores e vaqueiros.

Outrossim, diversos países, como Zaire, o Congo e o Gabão, que

têm baixa densidade populacional e grande riqueza mineral, não necessitam promover a liquidação de suas reservas florestais, que permanecem quase intactas. Esses países representam um bom exemplo para o Brasil, que necessita proteger a sua floresta amazônica.

b— Uma segunda medida, consiste em educar os vaqueiros, os agricultores tropicais e os madeireiros para uma exploração racional da selva, melhorando as suas condições de trabalho, sem sacrificar muito as florestas. E isto é perfeitamente possível, como já o demonstrou o governo do Canadá.

c— Os preços das madeiras tropicais e da carne produzidas nessas regiões tomadas às florestas, bem como todos os outros produtos provenientes da selva tropical, deverão ser reajustados em seu valor real e justo a fim de fornecer, inclusive, recursos para o reflorestamento. Como muito bem disse o Dr. Myers diante da Academia de Ciências dos Estados Unidos, quase todo o aumento da produção da carne bovina obtido às custas do deflorestamento, é exportado para a Améri-

ca do norte (somente a América Central exportou 27 milhões de quilogramas em 1986). Esta "carne barata" custa cerca da metade do preço daquela produzida nos Estados Unidos. Assim o consumidor norte-americano que paga um preço baixo pelo seu hamburger contribui se bem que inconscientemente para eliminar a selva latino-americana.

d— Outra providência importante é aumentar as áreas protegidas da selva tropical. Os cientistas acreditam que, pelo menos, 10 por cento do bioma (formação ecológica em função dos animais e das plantas), deve ser resguardado mediante uma legislação especial, e deseja preservar uma seleção representativa dos ecossistemas das selvas e à maioria das espécies que os habitam. Atualmente, apenas 2 por cento desse bioma se encontram protegidos. Indonésia, Zaire e Costa Rica, são exemplos atuais de uma legislação exemplar conservacionista.

No Brasil, ao que parece, o atual governo ainda não tomou consciência da gravidade da situação, principalmente no que diz respeito à Amazônia. É preciso agir rapidamente, antes que a caudal destruidora acabe com as nossas últimas reservas florestais.

A nova Constituição brasileira tem um capítulo pioneiro no que diz respeito à proteção do Meio Ambiente e que teve a sua origem na Subcomissão de Saúde, Segurança e Meio Ambiente que presidimos no início dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte. Já temos, portanto, hoje, os meios legais para proteger a nossa selva tropical principalmente a floresta amazônica. E, o que é mais importante através da nossa legislação maior, que é a Carta Magna do País. O parágrafo IV, do Art. 225 da Constituição, por exemplo diz o seguinte: "A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais."

Além disso, em outros parágrafos, alíneas ou incisos, há também princípios básicos que devem nortear esse comportamento preservacionista, incluindo-se as sanções legais — com penas até de prisão — para aqueles que violarem a nova legislação em vigor.

Já temos, portanto, os instrumentos e as armas para proteger e preservar as nossas reservas naturais, principalmente a floresta amazônica. É só aplicá-los. E, para isso, não é necessário que estrangeiros queiram nos ensinar como fazê-lo. Somos uma nação soberana e que não precisa ser tutelada. A não ser que hajam interesses secundários e escusos em jogo, como, por exemplo, a tutela internacional sobre esta vasta e rica região. E esta tutela nós a repudiamos com todas as nossas forças, considerando-a como uma afronta aos brios de nosso povo e à soberania de nosso País.

(*) José Elias Murad é deputado federal pelo PTB de Minas Gerais

Notas marinhas (II)

Calma que o Brasil é nosso

Visito um velho forte, velha fortaleza construída numa elevação dominando o mar. Bem pode ser português, espanhol, francês. Sei que existem diferenças entre uns e outros, mas não identico nenhuma. Não me faz diferença. Fico na torreta olhando o mar, à espera de algum navio inimigo, como devem ter feito dezenas de outros homens, antigamente. Imagino que nessa hora davam-se tiros com os canhões que vejo largados e petrificados, pelo forte à fora. São peças de inacreditável serventia, mas que devo admitir que atiravam, fazendo muita fumaça pela boca. Era assim a vida, antigamente, neste litoral. As terras trocavam de donos dependendo da fero-

cidade e número de quem atacava e defendia. E sempre havia índios, ora defendendo a terra, ora atacando, que eles não tinham lá sentimento nenhum de nacionalidade. Nem de propriedade. Índio sempre foi ser nômade e predador: ocupava um território, onde caçava, amava, procriava e morria. Quando os recursos se acabavam, ele seguia adiante, sem deixar nenhum registro em cartório de sua posse anterior.

Os índios que lutam por terras e sesmarias, hoje, repetem costumes cartórios dos brancos. Os índios são ignorantes em assuntos brancos, e já esqueceram como era a vida natural de seus antepassados. A misé-

ria, a cachaça e a malária fez todos uns esquecidos. Vão hoje arremedando brancos, ou seguindo outros brancos que caem de simpatia gratuita ou interessada, pela questão indígena brasileira.

Assim que vejo, desse forte, a interferência européia em nossas questões indígenas e ecológicas. Foi o europeu quem inventou a escravidão, a sífilis, a lepra, o servilismo objeto que costuma submeter aos povos de cultura inferior e mais fraca.

Desse forte, que deve ter servido para garantir a ocupação da terra brasileira, ou para garantir que daqui se levasse nossa madeira, nossa cana-de-açúcar ou nosso ouro, fi-

co a refletir sobre como o europeu é safado e canalha, quando se trata de ocupar e colonizar. Nos emprestaram mais dinheiro que poderíamos pagar; agora querem trocar a dívida por grandes nacos da Amazônia, pretextando que brasileiros rudes e ignorantes, como nós estamos a destruir o pulmão do mundo, que se instala no peito da Amazônia. Dispneia, falta de ar, toda essa doença de gente envelhecida e que já vive de agiotagem e juros, ataca aos povos ricos, eles mesmos os primeiros a destruir o seu próprio mundo e o dos outros, e que agora temem pelo futuro, ensinam e exigem aos brasileiros, progresso e desenvolvimento, para receberem a mais valia de nosso tra-

balho, que nos exploraram secularmente.

Europeus e americanos não se envergonham de seu neocolonialismo tardio, e propõem trocar parcelas da dívida que nos impingiram, por parte da Amazônia, sob pretexto que saberão conservá-la. Podem saber agora, que já enriqueceram destruindo sua própria terra e a dos outros.

Do alto deste forte, vejo boiando na arrebentação, latas de cerveja e sacos plásticos de batata frita, hábitos de consumo que eles nos trouxeram, em troca de royalties.

Não, senhores gringos, os senhores não têm direito algum sobre um centímetro do território brasileiro, e

Elmo de Abreu ROSA

não há de ser as nossas florestas que se responsabilizarão por refrescar a atmosfera inundada de CO2 que envolve seus países, campeões mundiais de indústrias e automóveis.

Resolveremos sozinhos nossos próprios problemas: deputados trabalhistas-colonialistas ingleses, cantores Sting, são todos mal recebidos, são todos invasores.

Estou aqui neste forte, e posso fazer esses velhos canhões funcionarem, para expulsá-los para casa, como sempre fizemos, desde o começo dos tempos.

O Brasil, como se dizia antigamente, o Brasil é nosso. Ainda é nosso. Ianques, go home!